

CONTRA A VIOLÊNCIA DOS FANFARRÕES DESTE MUNDO MENTIROSO

Reflexão sobre o Salmo 12(11)

Dietlind Nüsse

1. Introdução

Lendo a Bíblia parece que ela em muitas páginas legitima a violência. São Bento, o Pai dos monges do Ocidente (480-547), coloca na sua Regra, capítulo 42, a advertência que à noite não seja lido o Heptateuco ou o Livro dos Reis “porque não seria útil às inteligências fracas ouvir essas partes da Escritura nesta hora; sejam lidos, porém, em outras horas”. São Bento, como sábio Mestre, coloca essa observação devido a tantas ações violentas e sangrentas do povo de Israel e dos povos vizinhos contidas nestes livros, dos quais Javé é cúmplice. Um exemplo forte são as “guerras santas” até com a ordem de Javé de total extermínio das cidades conquistadas e seus habitantes. Além das guerras de defesa e conquista, a violência mostra muito mais outros rostos como o domínio de um grupo sobre o outro, de uma pessoa sobre outras, da religião sobre os fiéis, seja de forma verbal ou não verbal, tirando do outro ser humano a sua liberdade e seu exercício de cidadania.

Na reflexão do Salmo 12(11), uma oração que nasceu de uma situação concreta, vida e oração interligadas, o salmista dirige-se a Javé, queixando-se que a lealdade entre os “filhos de Adão” se acabou e que domina a opressão violenta dos inimigos. Essa súplica nasceu num certo dia, não se sabe a situação exata e a época concreta. Foi rezada, repetida, talvez modificada por outro salmista até chegar até nós hoje no livro dos salmos, parte das Sagradas Escrituras.

2. O texto, tradução literal

Traduzi o texto do hebraico apesar das dificuldades que surgiram devido a algumas palavras ou versos incertos no seu significado.

Salmo 12(11)

- v. 2 Salve-nos Javé, pois acaba-se o leal (fiel),
desaparece a lealdade entre os filhos de Adão.
- v. 3 Nulidade falam uns aos outros,
falam com lábios lisonjeiros e duplicidade de coração.
- v. 4 Corte Javé todos os lábios lisonjeiros,
a língua que fala grandiosamente (arrogantemente),

- v. 5 que dizem: “Com nossa língua prevalecemos,
nossos lábios estão em nosso poder – quem é senhor de nós”?
- v. 6 “Por causa da violência em cima dos indigentes e o lamento dos pobres,
agora me levanto”, diz Javé.
“Coloco a salvo os que aspiram a isso”.
- v. 7 As palavras de Javé são palavras puras (autênticas),
prata fundida no crisol,
na terra refinada sete vezes.
- v. 8 Javé, tu nos guardarás
diante desta geração, para sempre.
- v. 9 Ao redor vagueiam os malvados,
levanta-se a vileza entre os filhos de Adão.

3. Estrutura

O Salmo 12(11) é um salmo de queixa e súplica. Mostra as clássicas relações entre *Deus – eu – o inimigo*. A forma litúrgica indica o seu uso nas celebrações nos santuários, talvez por um grupo de fiéis que sabia criticamente olhar o desenrolar da história humana.

O pedido de socorro e a expressão de confiança em Javé que salva, junto com a denúncia da realidade dos *filhos de Adão*, formam a inclusão, a moldura para a sentença de salvação por parte de Javé (v. 6).

A palavra Javé aparece cinco vezes nas partes-chave dos nove versículos do salmo (v. 2,4,6,7,8).

O tema gira em torno da *palavra* e o uso que os malvados fazem dela, confrontada com a palavra de Javé. Várias palavras afins vêm se repetindo: lábios lisonjeiros (v. 3,4), lábios (v. 5), falar (v. 3ab,4), língua (v. 4,5), dizer (v. 5,6), palavra de Javé (v. 7[2x]).

Como o salmista caracteriza o uso das palavras dos malvados, assim ele comenta as poucas palavras de Javé, usando imagens metalúrgicas: são prata pura, fundida, refinada (v. 7).

As personagens falam, o que se encontra também em outros salmos. Javé parece ser provocado pelas palavras arrogantes, desafiantes dos malvados, se manifestando claramente ao lado dos pobres e indigentes.

O esquema seguinte pode nos ajudar a ver melhor a estrutura do salmo:

- v. 2a: Apelo: Salve-nos Javé!
- v. 2b-3: Denúncia da realidade dos “filhos de Adão”
- v. 4-5: Apelo: Corte Javé todos os lábios lisonjeiros!

v. 6: *Anúncio da Salvação de Javé*

v. 7-8: Hino de confiança em Javé, em sua palavra autêntica

v. 9 : Denúncia da realidade dos “filhos de Adão”

4. Mensagem do texto

Mesmo nascido no seio do povo de Israel e dirigido contra os próprios inimigos, o salmo ganha uma dimensão universal pelo fato que os autores incluem a humanidade toda através da expressão “*bene ‘adam – filhos de Adão*”, no início e no fim do salmo. Ele fala de relações humanas no nível social e político.

O salmista sofre, pois vê o desaparecimento dos fiéis, das pessoas que seguem o caminho de Deus. A força dos que falam mentiras e se comportam com tanta arrogância parece ser maior do que o empenho dos bons. Não basta aos soberbos ameaçar os leais, eles até se colocam acima de Javé: “Quem é senhor sobre nós?” O Salmo 73 descreve a atitude dos arrogantes. No v. 9 diz deles: “*Caçoam e falam maliciosamente, falam com altivez, oprimindo. Contra o céu colocam sua boca e sua língua percorre a terra*”. Com o poder de sua língua, com mentiras querem dominar os fiéis. É uma experiência que se expressa também nos textos proféticos e sapienciais. Sl 5,9-10: “*Guia-me segundo tua justiça, Javé, por causa dos que me espreitam. Aplaina à minha frente o teu caminho! Pois não há sinceridade em sua boca, em seu íntimo não há mais que ruína; sua garganta é sepulcro aberto e sua língua é fluente*”. Sl 109,2: “*Pois boca maldosa e boca enganadora abriram-se contra mim. Falam a mim com língua mentirosa,...*”. Sl 116,11: *Em meu apuro eu dizia: ‘Os homens são todos mentirosos’!*

Os profetas usam, igualmente, uma linguagem bem clara como os salmos para descrever aqueles que vivem enganando os outros. Is 57,1: “*O justo perece e ninguém se incomoda, os homens piedosos são ceifados, sem que ninguém tome conhecimento. Sim, o justo foi ceifado, vítima de maldade*”. Jr 7,4: “*Cada um zomba do seu próximo, não dizem a verdade, habituaram suas línguas à mentira, cansam-se de agir mal*”. Os 4,1-2: “*... porque não há fidelidade nem amor, nem conhecimento de Deus na terra. Mas perjúrio e mentira, assassinato e roubo, adultério e violência*”. Mq 7,2: “*o fiel desapareceu da terra, não há um justo entre as pessoas!*”

Em sua angústia o salmista clama do fundo de seu coração a Javé e pede socorro, para que Ele cale a boca dos hipócritas. Javé atende à súplica. É interessante notar que não se levante em primeiro lugar para castigar os malvados, mas sim para salvar os que gritam por Ele em sua situação de miséria e desespero. Este clamor dos pobres e a ação salvífica de Javé lembram do acontecimento na história do povo de Deus:

Eu vi a miséria do meu povo...
ouvi seu grito...
conheço as suas angústias...
descei, a fim de libertá-lo... (Ex 3,7-10)

A experiência do povo ao longo de sua história é que Javé é aquele que realiza o que promete e lhe dá confiança em sua palavra que no final do salmo se expressa em duas constatações: “As palavras de Javé são prata pura, autênticas”. “Tu, Javé, nos guardarás diante desta geração para sempre”.

Essa missão de Deus de salvar sempre de novo o seu povo se concretizou plenamente em Jesus, a Palavra viva de Deus entre nós. Já seu nome diz: Javé salva. Ele se colocou ao lado dos marginalizados e excluídos do seu tempo, os acolheu, devolveu-lhes a dignidade e abriu novos horizontes de uma vida feliz em comunhão com Deus e os homens. A sua palavra construiu comunidade, pois era palavra reta sem duplicidade. Paulo, em sua carta aos Coríntios, se refere a isso quando escreve: “*O Filho de Deus, o Cristo Jesus, que vos anunciamos, ... não foi sim e não, mas unicamente sim. Todas as promessas de Deus encontraram nele o seu sim*” (2Cor 1,19-20). Por isso, os que seguem Jesus não podem ter uma atitude de duplicidade. O seu não deve ser não, o seu sim, sim. Quando se espera de todas as pessoas lealdade nas ações e palavras sem fingimento, muito mais se espera autenticidade dos que querem seguir Jesus e assumir o seu projeto de vida.

5. Conversando com um grupo de idosas

Começamos o encontro com uma “tempestade de ideias”: “O que surge em mim, ouvindo a palavra *“violência”*. No início choveram as ideias, todas em torno da morte física. A realidade violenta em que vivem as mulheres nos diversos bairros só podia provocar essas reações. Tantos assassinatos na própria família! Bem baixinho disse uma senhora: “Vi meu filho matar o pai. Diante dos meus olhos, só para ter um dinheirinho. Foi muito duro para mim. Tinha que criar os meus nove filhos sozinha. No início não podia perdoar, mas depois ... filho fica filho”.

Aos poucos conseguimos ver outras formas de violência: o domínio do marido sobre a mulher e os filhos, os pais sobre os filhos, os irmãos mais velhos sobre os menores. São agressões físicas como verbais e não verbais por gestos e atitudes: a gritaria uns contra os outros – “as palavras matam na unha” –, o rebaixamento do outro, da outra, a desvalorização, a desconfiança, as fofocas que tiram muitas vezes a boa fama da pessoa. “Mas”, disse uma senhora, “nada diferente do que vimos lá fora: Tantos sinais de violência no trabalho. O chefe exige muito e não paga. A mulher trabalha no duro, mais do que o homem, mas o salário dela é menor. É muita injustiça! Os grandes falam que querem ajudar a pobreza, mas nada se vê. Ao contrário! Todo o dia sobem os preços das coisas e a aposentadoria baixa, até nem querem pagar no dia certo, e inventam sempre outra desculpa para não pagar. E quando finalmente o dinheiro vem, já tem tirada uma taxa do pouco que a gente recebe e nem explicam pra quê. Quando a gente reclama, gritam para fazer medo”. “E cada mês tem esta fila pra enfrentar, horas mais horas no sol quente sem poder se sentar. E tantas vezes já estava bem pertinho da porta do banco pra entrar, quando vem um cara e diz: ‘O dinheiro acabou na caixa, voltem amanhã!’ Isso não é violência em cima da gente?”

A conversa vai e vem. Terminamos com a política. A insatisfação mostrou-se claramente: “Na campanha eleitoral todos os políticos sabem falar bonito, fazem promessas e mais promessas. E, quando ganham, nem conhecem mais as pessoas cujos votos queriam. Já sabem de antemão que nem vão cumprir as palavras. Tudo é mentira. Ruim é que a gente deixa-se iludir pelas palavras tão bem aprumadas, porém falsas. É a necessidade que nos faz acreditar e ir atrás dos poderosos”. E, quase para finalizar a conversa, uma senhora falou: “Somente Deus pode ainda dar um jeito!”

6. Conclusão

Diante dessas poucas colocações não precisamos mais perguntar qual será a relação do texto bíblico com a vida do dia a dia. O que tem a ver com o pobre e indigente? Vimos que esse salmo pode lançar luzes ainda hoje sobre a sociedade humana e suas estruturas. O poder da palavra em nossa cultura atual é forte. Nas cidades não se encontram mais lugares tranquilos. De todos os cantos e todas as lojas gritam os alto-falantes oferecendo as mercadorias das quais se diz que são as melhores e mais baratas. Uma poluição sonora muito grande. Em cada praça grita pelo microfone uma pessoa oferecendo com tantas palavras enganadoras a sua crença com ameaças de inferno e promessas do céu àqueles que dão bastante esmola – para o bolso do pregador, claro! É a religião como mentira e abuso do poder das palavras. O povo, sedento de felicidade, dá o que não tem.

Que poder tem a palavra na mídia! Quem tem os meios de comunicação na mão, tem um poder imenso. Vejam as Redes de TV! Manipulação fácil em cima do povo que nem sabe mais distinguir o que é novela, o que é realidade. – E na política nacional e internacional? As pessoas vivem desiludidas de tantas promessas falsas e palavras bonitas, mas ocas. É quase um sinônimo: política e mentiras.

Mais que nunca o nosso mundo precisa de profetas e profetisas que não tenham medo de dizer a verdade e de enfrentar o desafio dos lábios hipócritas e os discursos arrogantes dos malvados. Abrimos nestes dias as celebrações rumo ao centenário de um profeta da verdade e da paz. As vozes dos poderosos e dos de duplicidade de coração queriam-no calar, o nosso “eterno Dom”. Não o conseguiram, pois Deus se levantou em favor “dos pobres e indigentes”, que dom Helder Câmara tanto defendeu. Somente quando a palavra e a realidade andam de mãos dadas pode-se construir verdadeira comunidade e pode crescer confiança mútua em todas as instâncias da vida cotidiana.

Quero no final da reflexão colocar um canto antigo que me parece poder resumir a mensagem do salmo para ontem como hoje:

*Palavra não foi feita para dividir ninguém.
Palavra é uma ponte onde o amor vai e vem; onde o amor vai e vem.
Palavra não foi feita para dominar.
Destino da palavra é dialogar.
Palavra não foi feita para opressão.*

Destino da palavra é união.
Palavra não foi feita para vaidade.
Destino da palavra é eternidade.
Palavra não foi feita pra cair no chão.
Destino da palavra é o coração.
Palavra não foi feita para semear a dúvida,
a tristeza ou o mal-estar.
Destino da palavra é a construção
de um mundo mais feliz e mais irmão.

Letra e música: Irene Gomes

Dietlind Nüsse
E-mail: dietlindnuesse@hotmail.com